

Êxodo de cérebros

OCUPADOS com os vaivéns da transição governamental, os periódicos brasileiros não têm dado a devida atenção a uma tragédia silenciosa em curso: a expatriação voluntária de cientistas.

Dois são os principais motivos que levam cientistas permanentemente ao exterior. O primeiro é a falta de recursos e infraestrutura para pesquisa de ponta. Esse foi o principal fator que levou a renomada neurocientista Suzana Herculano-Houzel a emigrar para os EUA, em 2016, após anos de esforço para estabelecer seu laboratório na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para Herculano-Houzel, a gota d'água parece ter sido a crise econômica com início em 2015, que elevou a precarização das universidades federais.

O segundo motivo é que cientistas, em sua maioria, são avessos a qualquer forma de autoritarismo. Entra um governo antidemocrático no comando do país e muitos buscam trabalho no exterior, independente da situação da economia. Nesse quesito, a ditadura militar é um case mundial. Os investimentos em ciência e tecnologia nos anos 1970, impulsionados pelo Milagre Econômico, não foram suficientes para conter o êxodo de cérebros causado pela tirania dos generais.

O futuro próximo, portanto, parece reservar duas opções aos cientistas brasileiros: deixar o país pelo GRU ou pelo Galeão.

A vitória da retórica intolerante, anti-intelectual e mentirosa junto com o despreparo vexatório do governo em formação são o estopim da nova diáspora de cérebros. O futuro da ciência brasileira jamais foi tão sombrio.

Há pouca esperança em que a gestão de Marcos Pontes no Ministério da Ciência e Tecnologia consiga conter o êxodo dos mais brilhantes cientistas e estudantes brasileiros. Nem os mais otimistas acreditam que o astronauta convertido em palestrante motivacional tenha condições de conduzir a combalida pasta no caminho da reconstrução e modernização. As projeções de crescimento medíocre do PIB para os próximos anos serão um empecilho grave a qualquer tentativa de repor o orçamento —atualmente reduzido à metade do

valor de 2014. A in experiência de Pontes em gestão pública e sua visão equivocada sobre ciência (focada em aplicações) aumentam ainda mais o desalento da comunidade.

Muitos cientistas brasileiros trabalham em condições precárias e têm seu tempo fagocitado por atividades administrativas pelas quais não têm nenhum interesse (e para quais não possuem treinamento). Suas pesquisas são dificultadas, e às vezes até inviabilizadas, por uma burocracia paralisante. A despeito das adversidades, trabalham duro. Fazem o possível, e são reconhecidos internacionalmente por seus pares, embora haja pouca valorização de seu trabalho na sociedade brasileira. Muitos escolhem em fazer pesquisa no Brasil, às vezes colocando sua carreira em segundo plano, por sensação de dever cívico com a nação. Mas todo idealismo tem um limite.

Milhares de cientistas brasileiros, a maioria jovens, já estão preparando as malas rumo ao exílio voluntário. Outros tantos, expatriados há algum tempo, não pretendem voltar ao país tão cedo. Eu sou um deles.

Dois meses antes de iniciar o doutorado nos EUA, juntei-me aos milhões de brasileiros que foram às ruas protestar, não só contra mais um aumento da passagem de ônibus, mas principalmente pelo fato de o Brasil ser o eterno país do futuro. Era junho de 2013 e havia muita esperança. Um dia, conversando com um desconhecido no metrô, voltando ao Butantã de um protesto na Paulista, cheguei a contemplar que finalmente conseguiríamos nos livrar de quem de fato deu as cartas na nova República: a direita fisiológica, ou centrão.

Uma sequência de tragédias, no entanto, transformou a esperança em desespero: Dilma implementou uma agenda econômica desastrosa; a Lava Jato quebrou o país; a direita reacionária mobilizou-se; Temer usurpou a presidência e implementou uma agenda de austeriadade; a extrema-direita chegou ao poder. Hoje, o Brasil é o país do passado. E sem ciência de ponta, está fadado a ser o país que poderia ter sido e não foi.

— CB Rocha

Dezembro de 2018